

# Família, Psicologia e Deficiência Contribuições de Lacan e Wallon na Construção Do Sujeito

*Family, Psychology and Disability: Lacan and Wallon's  
Contributions On Subject's Construction*

por Priscila Anversa

## RESUMO

Este artigo discorre sobre aspectos da problemática entre família e escola, considerando os estudos na área da Psicologia da Família, que emerge para a compreensão da constituição do sujeito em seu contexto. Para delinear a construção da pessoa, utilizam-se os estudos de Lacan e Wallon, de forma a situar as implicações da formação do sujeito e dos complexos familiares como ponte para as discussões sobre educação e família, que estão associadas à etapa de constituição do sujeito nos primeiros anos de vida. Nessa conjuntura, será articulada a questão da inclusão, da deficiência e dos estigmas, acarretados a partir deste aporte discutido sobre família e psicologia.

**Palavras-chave** *família; psicologia; deficiência; inclusão*

## ABSTRACT

This article discusses aspects of the problem between family and school, considering the studies in the area of Family Psychology, which emerges to the understanding of the constitution of the subject in its context. In order to delineate the construction of the person, it will be used Lacan and Wallon's studies, to situate the implications of subject's formation and of the family complex as a link for discussions on education and family, which are associated in the stage of subject's formation on the first years of its life. In this situation, it will be articulated the inclusion, disability and stigma's issue, caused from this input discussed of family and psychology.

**Keywords** *family; psychology; disability; inclusion*

## Introdução

Neste texto pretende-se tecer algumas considerações sobre os estudos da família na área da Psicologia e da Educação, situando a constituição do sujeito em Lacan e Wallon, que são os vieses para estabelecer a construção da deficiência e das implicações desta em relação à formação do indivíduo. Neste contexto, permeiam as questões da família, da escola, do aluno e dos estigmas.

Ao analisar os documentos legislativos que regem o sistema de ensino, o que ressalta à concepção de educação é a educação para uma sociedade democrática. No entanto, a democracia na educação requer que o sistema se articule de forma conjunta. Segundo Estrela e Villas Boas (1994), a escola deve ser organizada de forma democrática, implicando o envolvimento de todos os intervenientes no processo educativo, devendo haver constante profissionalismo docente para alargar o conhecimento e desenvolver uma série de competências e saberes; também é fundamental a igualdade efetiva de oportunidades, o que implica a inserção de alguns atores do processo educativo, como é o caso da família, constituindo a democracia na escola.

A problemática das relações entre família e escola é delineada a partir da negligência existente em ambas as instituições, cuja importância é suprimida no momento em que, ao invés de contribuir, acabam desgastando o que já está invariavelmente puído. Desta forma a construção do sujeito extrapola a determinação relegada à família, sendo subsidiada também pela escola. Entretanto essa constituição não acontece de forma cadenciada, mas fragmentada, com ideais que não se complementam e que acabam por chocarem-se pelas divergências de opiniões e métodos que prejudicam exclusivamente o desempenho do aluno.

O escopo do texto aponta a importância dessas duas instituições na construção do sujeito, abordando também a questão do estigma e da deficiência, interligando os questionamentos acerca da inclusão com os conceitos traçados por Lacan e Wallon no que diz respeito ao desenvolvimento da criança na família e na escola.

## Contribuições dos estudos sobre família e psicologia

O cerne da problemática entre família e escola é conferido primeiramente a não relevância da instituição “família” como base fundamental que permeia a vida dos sujeitos, pois acompanha não apenas a vida escolar do indivíduo, mas também a vida social, o dentro e o fora da escola em todas as etapas de sua vida. Ribeiro (1994, p. 29) constata que:

*por mais alterações que a família sofra, na sua constituição, estrutura e funcionamento, adaptando-se às diferentes contingências do tempo e do espaço, sofrendo a influência dos sistemas sociais, políticos, ideológicos,*

## Família, Psicologia e Deficiência

### Contribuições de Lacan e Wallon na Construção do Sujeito

*religiosos e culturais, duas funções fundamentais ao ser humano continuam a ser preferencialmente realizadas pela família: a primeira reside em assegurar a continuidade do ser humano no sentido de a família ser uma comunidade que nasce, cresce, procria, decresce e morre, continuando-se ao longo das gerações, transmitindo a vida; a segunda que, de certa forma decorre da primeira, consiste na articulação entre o indivíduo e a sociedade, conseguindo com equilíbrio o “estar bem consigo próprio” e o “estar bem com os outros”, ou seja adequar a individuação [nas dimensões afectiva, cognitiva e comportamental] e socialização.*

A literatura científica da área dos estudos da família também coloca em cheque a carência conferida a esta instituição, que em relação a outras pesquisas continua aquém às expectativas. Segundo Nogueira, Romanelli e Zago (2000, p. 9)

*No Brasil ainda não logramos desenvolver uma tradição de estudos sobre o tema das relações que as famílias mantêm com a escolaridade dos filhos. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, em quatro números temáticos de periódicos científicos de circulação nacional da área da Educação ou de áreas afins, dedicados ao assunto, encontramos apenas três artigos [sobre um total de 37] abordando a família em suas relações com a vida escolar dos filhos.*

Este dado reforça o fato de existirem menos pesquisas científicas sobre o tema “família” na área da Educação em comparação a outros assuntos. Em outros campos, como por exemplo, Antropologia e Psicologia, este é um assunto importante e constante em pesquisas. Na Educação, o tema está diluído em diferentes grupos, como Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos, Movimentos Sociais e Educação, entre outros. Os processos mais globais das ações educativas consolidam-se em diferentes abordagens, enquanto que os procedimentos que envolvem a prática do cotidiano educacional, o qual é pautado na família, encontra-se ainda cerceado e carente de estudos.

Em contrapartida, o tema “família” progressivamente foi ganhando força na área da Psicologia, que sempre se interessou pelo estudo desta. Ribeiro (1994) sublinha que, a Psicologia, por ser uma ciência que procura compreender e explicar o comportamento humano tem, necessariamente que dar uma importância significativa ao seu contexto primordial: a família.

A Psicologia entende que a família é fundamental para compreender o comportamento individual de um sujeito, pois é seu contexto natural, que também está inserida em contextos sociais e culturais mais amplos.

O estudo sobre família em Psicologia foi surgindo mediante a necessidade de ampliação de outras áreas do saber que não davam conta de seu desenvolvimento. Foi aparecendo cada vez com maior ênfase dentro dos estudos da Psicanálise, da Psicologia do Desenvolvimento, da Psicologia Social, da Psicoterapia, entre outros. A necessidade de investigação científica da família dentro da Psicologia sofreu

## Família, Psicologia e Deficiência

### Contribuições de Lacan e Wallon na Construção do Sujeito

influência de diversas perspectivas. Ribeiro (1994, p. 30) aponta que nos Estados Unidos, somente em 1984 se constituiu a divisão de Psicologia da Família na maior associação mundial de psicólogos, a *American Psychological Association*. A autora enfatiza que as duas últimas décadas assistiram a uma acentuada mudança das abordagens teóricas e metodológicas assumidas pelos psicólogos interessados em estudos sobre família, precisamente por não ser satisfatório estudar separadamente os membros e apenas as relações unidirecionais. Desta forma, consolida-se o fato de que o comportamento de um é determinado pelo comportamento do outro e vice-versa, que ambos se influenciam e reforçam mutuamente.

Constata-se que as relações familiares são ricas e complexas e emergem cada vez mais como objetos de estudo. A autora supracitada assinala que é evidente que o funcionamento interno da família é afetado pelo sistema social mais amplo e que por sua vez é afetado pelos indivíduos e grupos que compõe o sistema familiar, concluindo que se faz necessário pensar, estudar, investigar e intervir na família de uma forma radicalmente diferente.

No entanto, os estudos sobre família com abrangência na área da Educação, seja pelo viés da Psicologia ou não, ainda hoje são insuficientes, constatada sua importância incomensurável.

## Lacan e Wallon: o sujeito e os complexos familiares

Jacques Lacan escreveu um texto sobre os complexos familiares a pedido de Henri Wallon, publicado em 1938. No livro intitulado *Os complexos familiares*, Lacan propõe que a família deve ser compreendida pelas relações sociais que estabelece, na medida em que desempenha um papel fundamental na transmissão cultural e preside os processos mais importantes do desenvolvimento psíquico. (BASTOS, 2003, p. 94). A objetivação dos complexos estudados pelo autor se dá pela própria família; entende-se por complexo aquilo que estabelece uma ligação em um conjunto de reações. O complexo, na ótica de Freud, é definido como fator fundamentalmente inconsciente capaz de se revelar nos atos falhos, nos sonhos e sintomas. Bastos (2003) propõe que o elemento fundante e fundamental do complexo é a representação inconsciente e que, na medida em que se relacionam com a imagem arcaica (imago), a família, como objeto e como circunstância psíquica, torna-se objeto de análise. O sujeito se constitui através de fatores culturais que dominam os complexos e podem ser compreendidos por sua referência ao objeto.

Lacan denominou o primeiro complexo de complexo do desmame, que corresponde basicamente ao vínculo da criança à mãe, engendrado a partir da aceitação ou da recusa, caracterizando uma escolha, mesmo que em estado rudimentar. O complexo de intrusão corresponde ao período intermediário entre o complexo de desmame e o complexo de Édipo. Este tem a ver essencialmente com a experi-

## Família, Psicologia e Deficiência Contribuições de Lacan e Wallon na Construção do Sujeito

ência da criança em se reconhecer em um grupo familiar. No estágio do espelho, Lacan coloca que é como uma identificação no sentido da transformação que se produz no sujeito no momento em que ele assume uma imagem. O sujeito faz uma antecipação do domínio psicológico que lhe permitirá exercitar posteriormente o domínio motor efetivo (BASTOS, 2003 p. 102). Neste sentido, a criança não projeta no espelho sua imagem, mas ela vai introjetar a imagem que a família construiu para ela, ou seja, a imagem é de caráter ilusório, contornada pelos desejos e ideais alheios. Por último, o complexo de Édipo diz respeito, em suma, ao rompimento da relação de dualidade da criança para com a mãe na relação imaginária, para que a criança possa se inscrever em uma ordem simbólica, ou seja, na linguagem. A mediação da linguagem emerge ao desejo, que precisa fazer-se palavra e desdobrar-se em uma demanda.

Assim como Lacan, Henri Wallon ressalta a importância do processo que a criança passa ao reconhecer algumas partes do corpo e posteriormente concebê-lo como unidade corporal. No entanto, a teoria walloniana tenta compreender o sujeito dentro de uma perspectiva dialética, na qual as forças que o impulsionam para a diferenciação “eu-outro”, que, segundo Bastos (2003, p. 15) “estão marcadas pelo intenso conflito entre os movimentos de ordens e de funções diferenciadas.”

Wallon mostrou enorme interesse pela Educação, pela aproximação da Psicologia e da Pedagogia, defendendo a ideia de que deve haver uma contribuição recíproca entre essas áreas.

O contexto educacional atual, em que as crianças compartilham o cotidiano junto de outras crianças muito cedo, introduz novas necessidades e desafios para o desenvolvimento.

*A relação familiar torna-se uma das referências e não mais a única, o que já marca uma diferença importante no que diz respeito às interações que a criança passa a estabelecer tanto com seus pares como com os adultos. (BASTOS, 2003 p. 31).*

Por este ângulo, o meio sociocultural é fundamental para a evolução humana. Wallon buscou pesquisar as transformações e as possíveis diferenças deste processo de desenvolvimento. Quando o autor analisa a evolução do psiquismo, observa que a origem da evolução da pessoa já está presente nas primeiras manifestações da vida psíquica, predominantemente emocionais. O estudo das emoções é então de caráter social; deste modo, a emoção é um componente permanente da vida psíquica e tem influência significativa sobre o caráter.

Assim como Wallon ressalta o papel fundamental das emoções para a constituição do psiquismo, Lacan enfatiza o papel da linguagem, da maneira como esta tece o sujeito e o social. Os complexos familiares discutidos por Lacan, pensados especificamente em relação à família enquanto circunstância psíquica, podem ser articulados no contexto educativo, pois as crianças passam boa parte do tempo em instituições e estabelecem seus vínculos, seus referenciais e seus parceiros. É com

## Família, Psicologia e Deficiência

### Contribuições de Lacan e Wallon na Construção do Sujeito

o outro que a criança se identifica, apesar de ainda encontrar-se confundida com ele. Muitas vezes o outro é vivido como um rival, como alguém que pode roubar seu lugar, seu objeto ou sua professora, por exemplo. Neste sentido, conhecer o outro, partilhar com ele situações comuns, adaptar-se à sua presença, são questões que mobilizam as crianças nesse momento.

À parte das teorias lacaniana e walloniana, que concebem o sujeito como sujeito social, inserido na cultura e na linguagem, faz-se importante destacar a constituição do sujeito a partir do olhar do outro, do reconhecimento deste pelo eu. Emerge aqui a questão da deficiência, deste “outro” diverso, deste “outro” que pode ser a representação do eu, configurado no estágio do espelho. A partir do discurso de Lacan é possível interceder reflexões sobre as crianças com deficiência, da constituição delas como sujeito e das articulações com seu contexto.

## Estigma e deficiência

O conceito de deficiência, segundo Dallabrida (2006, pp. 19-20) é uma construção social, para além das determinações biológicas, ou seja, a deficiência orgânica não se constitui na única característica para a produção da identidade dos sujeitos, mas sim que, sem negar estas características, são marcas fundamentais na construção dessas identidades, não pode prescindir dos processos sociais pelos quais eles passam e são fatores determinantes para a sua humanização.

Ao longo da história, a ideia de deficiência esteve veiculada à noção de *handicap*<sup>1</sup>, relacionada a chances, de desigualdades e de igualdade. Assim, a concepção de deficiência está relacionada à produção de uma compensação. O *handicap* torna-se a deficiência da qual padece uma pessoa que, por isso mesmo, encontra-se em posição de inferioridade. É pensado, então, como uma falta que caracteriza o mais fraco. (Siqueira, 2008).

Através deste conceito, a deficiência passa a ser imputada a um aluno quando este está em situação de fracasso, ou quando se percebe diferenças efetivas entre determinados alunos. Charlot *apud* Siqueira (2008) fala da teoria da deficiência sócio-cultural, a qual aborda uma leitura negativa da realidade. Tal teoria reifica as relações para torná-las coisas, aniquila essas coisas transformando-as em coisas ausentes, “explica” o mundo por deslocamentos das faltas, postula uma causalidade de falta. Essa é uma leitura negativa, a qual exprime como as categorias dominantes vêem as dominadas, engendrando “coisas” como o “fracasso escolar”.

---

<sup>1</sup> A palavra vem do inglês *hand in cap*, nome de um jogo de azar. No vocabulário hípico, impõe-se um handicap para um cavalo sabidamente mais ligeiro, ou seja, uma desvantagem. A própria significação do termo se modificou ao longo dos anos e designava, já no século XIX, pessoa afetada por uma deficiência física ou mental (CHARLOT, *apud* SIQUEIRA, 2008, p. 324)

## Família, Psicologia e Deficiência

### Contribuições de Lacan e Wallon na Construção do Sujeito

Faz-se importante, para superar a leitura negativa com relação às faltas, olhar o que as pessoas fazem e conseguem, ou seja, compreender e explicar como se constroem as relações de “fracasso”, prestando atenção no sujeito como um todo. Este se constitui, segundo Charlot (2000) como um ser humano, movido por desejos, um ser social, inscrito em relações sociais e que ocupa um espaço social, um ser singular, que tem história, que dá sentido ao mundo. Esse sujeito, vinculado ao universo escolar, pode despertar para a necessidade do saber ou confirmar sua situação de desvantagem. É por este viés que se configura a trajetória escolar dos alunos e os processos de inclusão e de exclusão.

As reformas da política educativa iniciadas na década de 1990 têm encorajado que a educação dos alunos com necessidades educacionais especiais, no caso dos deficientes, aconteça preferencialmente nas salas comuns em escolas regulares. Na medida em que esta prerrogativa é posta em prática, surgem as interrogações acerca de sua eficácia para o processo de escolarização, principalmente para os alunos com deficiência.

Para compreender como as relações de ensino-aprendizagem e deficiência são construídas, por meio das práticas em salas regulares, é necessário abranger a constituição da deficiência, articulando os conceitos dessa com a cultura escolar.

Nesse âmbito, a perspectiva de Goffman (1988) aponta os estigmas no processo de rotulação de membros de determinado grupo social, instituindo a separação das condutas desviadas das convencionais, como por exemplo, o normal do patológico. Traça-se aí um paralelo da diversidade cultural como consequência dos variados critérios valorativos, que definem certos comportamentos e o conceito de normal e desviante como construções historicamente determinadas.

*Deve-se ver, então, que a manipulação do estigma é uma característica geral da sociedade, um processo que ocorre sempre que há normas de identidade. [...] Pode-se, portanto, suspeitar de que o papel dos normais e o papel dos estigmatizados são parte do mesmo complexo, recortes do mesmo tecido-padrão. (GOFFMAN, 1988, p. 141).*

Na ótica do autor, um traço de identidade atribuído a uma pessoa ou a um grupo de pessoas não se constitui num estigma, a não ser em situações em que ele possa atuar para diminuir ou desacreditar um indivíduo, o que costuma acontecer repetidas vezes com pessoas com deficiência. Estigma é então um valor negativo atribuído a uma condição existencial, estando ligado a diversos fatores, dentre os quais destacam-se a visibilidade, o encoberto e a identidade pessoal. O estigma advém do processo de normas de identidade, o escopo que caracteriza a sociedade, onde normais e estigmatizados compõem a mesma teia, o mesmo contexto. Pode-se considerar que as pessoas que têm estigmas diferentes estão numa situação bastante semelhante, respondendo a ela também de forma semelhante.

Em geral, a estigmatização, mesmo que inconsciente, é um meio de preservar a identidade e afirmar a superioridade do grupo estabelecido e manter o grupo

## Família, Psicologia e Deficiência

### Contribuições de Lacan e Wallon na Construção do Sujeito

estigmatizado em seu lugar. Elias e Scotson (2000) definem como sendo *estabelecidos* um grupo dominante, e *outsiders* um grupo dominado, reverberando o conceito de estigmatizador e estigmatizado, respectivamente. Com relação a isso, os autores inferem que a estigmatização faz sentido no contexto das relações específicas entre estabelecidos e outsiders.

A questão do preconceito, que para os autores supracitados difere do estigma, pois este se efetiva a nível coletivo e não individual, é associado ao problema de estigmatização, sendo este um despreço acentuado por outras pessoas com relação a um grupo de indivíduos, o que pode, muitas vezes, ser classificado como preconceito.

A ascensão do preconceito ou às marcas da deficiência podem ser analisadas a partir da história da Educação Especial no Brasil, a qual teve três momentos distintos com relação ao atendimento à pessoa com deficiência: a criação de instituições de internação, a disseminação do atendimento e a integração do deficiente na rede regular de ensino. Essas práticas objetivadas ao longo da história levaram à construção da identidade social das pessoas consideradas com deficiência, desde a dimensão segregacionista (motivada pela proteção e resguardo dessas pessoas do meio social), pela falta de ampliação do atendimento que fazia com que os poucos matriculados fossem considerados privilegiados e por fim a falta de proposta eficiente de formação para a integração social, corroborando para a criação de uma auto-imagem de inferioridade e incapacidade nestes educandos. (DALLABRIDA, 2006, p. 22).

Dallabrida (2006) cita Crochik (1995), o qual discute o conceito de preconceito recorrendo às várias áreas do saber e afirmando que o que leva o indivíduo a ser ou não preconceituoso pode ser encontrado no seu processo de socialização. Este processo somente pode ser entendido como fruto da cultura e da história. Partindo do pressuposto de que o preconceito advém do contexto social, constrói-se o discurso acerca da conceituação de deficiência, a qual foi se modificando na medida em que o homem foi transformando suas condições sociais.

## Considerações e desdobramentos

Não se pode dissociar o conceito de deficiência à existência de estigmas, principalmente advindos do adulto, e não propriamente do aluno. A formação do sujeito, pontuada anteriormente nas teorias de Lacan e Wallon, apontam para a necessidade de legitimar o espaço escolar como essencial ao processo de construção da pessoa, que não mais é formado apenas no âmbito familiar. A criança constitui-se a partir de suas relações sociais, e neste sentido, precisa ter contato com as diferenças, pois este é um processo que ocorrerá mais cedo ou mais tarde, e ocorrendo desde os primeiros anos de vida, é fundamentalmente propício para seu desenvolvimento como sujeito, ao contrário do que muitos pais, e até mesmo educadores pensam.

## Família, Psicologia e Deficiência

### Contribuições de Lacan e Wallon na Construção do Sujeito

As discussões sobre inclusão e exclusão – e fracasso escolar - vão além da culpabilidade normalmente lançada às instituições, à família, à própria criança julgada menos inteligente ou ao governo por não contribuir suficientemente com as crianças e as escolas. O que se sabe com clareza é que o sistema educacional não funciona de forma isolada. Mittler (2003) pontua que o que acontece nas escolas é um reflexo da sociedade em que elas funcionam. Os valores, as crenças, e as prioridades da sociedade permearão a vida e o trabalho nas escolas e não pararão nos seus portões.

No interior da nova desigualdade, mais larga e mais cruel do que a precedente, os modos atuais de inclusão causam, como regra, degradação. As formas de absorver a pessoa excluída estão mudando. Patto (2008) sublinha que as pessoas que constituem esse mundo à parte não são apenas excluídas social ou economicamente. A privação hoje é mais que uma privação econômica, mas é carregada de uma dimensão moral.

O conceito de sociedade inclusiva surge para substituir o conceito de sociedade democrática, o qual opera na mesma situação apontada com relação à educação, ou seja, se é almejado um futuro com a sociedade inclusiva, por trás existe um perspectiva de que a sociedade jamais incorporará a todos.

A Psicologia da Família é uma área de estudos que contribui para a investigação acerca das relações estabelecidas entre o sujeito e seu meio, pois compreende a complexidade desta instituição. A construção do sujeito é mediada tanto pela família quanto pela escola, e neste sentido, o sujeito, ou seja, a criança passa por uma série de processos complexos que a fazem reconhecer-se perante o contexto, transmutando aos poucos seus estágios, informações, conhecimentos e, sobretudo, a formação de seu caráter, interposto pelas emoções e pela linguagem.

A articulação deste processo está vinculada tanto à família quanto à escola, e cabe a ambas conceber estímulos que tragam benefícios à formação da criança, convergindo no mesmo discurso, nas mesmas preocupações, e principalmente nos mesmos objetivos, em educar e constituir um sujeito, inserido em seu contexto, com virtudes e caráter que pressuponham ideias de inclusão.

## Família, Psicologia e Deficiência

### Contribuições de Lacan e Wallon na Construção do Sujeito

#### REFERÊNCIAS

- > BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. **A construção da pessoa em Wallon e a constituição do sujeito em Lacan**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- > CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução: Bruno Magne. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul, 2000.
- > DALLABRIDA, Adarzilse Mazzuco. **As famílias com filhos deficientes e a escolha da escola: o caso do colégio Coração de Jesus**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- > ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- > ESTRELA, Maria Teresa; VILLAS BOAS, Maria Adelina. A relação pais e escola: reflexões sobre uma experiência. In: MARCHAND, Helena; PINTO, Helena Rebelo (eds.). **Colóquio família: contributos da psicologia e das ciências da educação**. Lisboa: Educa, 1994.
- > GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1988.
- > MITTLER, Peter. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- > NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- > PATTO, Maria Helena Souza. Políticas atuais de inclusão escolar: reflexão a partir de um recorte conceitual. In: BUENO, José G. Silveira; MENDES, Geovana M. Lunardi; SANTOS, Roseli Albino dos. **Deficiência e escolarização: novas perspectivas de análise**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2008.
- > RIBEIRO, Maria Teresa. Psicologia da família: a emergência de uma nova disciplina. In: MARCHAND, Helena; PINTO, Helena Rebelo (eds.). **Colóquio família: contributos da psicologia e das ciências da educação**. Lisboa: Educa, 1994.
- > SIQUEIRA, Benigna Alves. Inclusão de crianças deficientes mentais no ensino regular: limites e possibilidades de participação em sala de aula. In: BUENO, José G. Silveira; MENDES, Geovana M. Lunardi; SANTOS, Roseli Albino dos. **Deficiência e escolarização: novas perspectivas de análise**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2008.

**Priscila Anversa**, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Graduada em Educação Artística - habilitação Artes Plásticas pela UDESC (2009). Membro do grupo de pesquisa Educação, Arte e Inclusão, vinculado ao CNPq. Atua como professora de artes da Educação Infantil ao Ensino Médio, em escolas da rede privada de ensino  
*pri.anversa@gmail.com*